

**JUVENTUDE E PERIFERIA: EXPECTATIVAS E CAMINHOS (IN)DEFINIDOS
PARA O MUNDO DO TRABALHO, EM NAZARÉ/BA.**

Adalberto de Salles Lima

Graduando em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia
Bolsista de Iniciação Científica PICIN/UNEB (2012/2013) pelo Grupo Recôncavo /UNEB
sallesvitoria@hotmail.com

Prof^a Dr^a Maria Gonçalves Conceição Santos

Docente da Universidade do Estado da Bahia
Pesquisadora do Grupo Recôncavo/UNEB
mgsantos1962@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho proposto é resultado dos estudos desenvolvidos no Grupo Recôncavo em uma das quatro linhas de pesquisa: Mundo do trabalho, Educação e Mobilidades. Este artigo tem como finalidade entender como a juventude, oriunda de áreas periféricas, se insere no mundo do trabalho, na cidade de Nazaré, localizada no Recôncavo Baiano. Para isso, priorizamos neste artigo as incertezas e expectativas desses jovens, as oportunidades de emprego e a importância do estudo e trabalho para a conquista da cidadania. Com isso, foi esquematizada a metodologia para a realização do estudo. A leitura de autores contemporâneos como Silva (2009), Iriart (2010), Junqueira (2006) e Groppo (2000) entre outros, a visita a alguns órgãos públicos, a aplicação de 209 questionários e as entrevistas foram importantes para a compreensão da realidade estudada. Todas as informações foram processadas utilizando a planilha de tabulação de dados do SPSS, Estatística Aplicada às Ciências Sociais, os resultados transformados em cartografias, com o auxílio de programas como EXCEL, geoprocessamento e power point. A delimitação temporal teve início agosto de 2010 e a conclusão em agosto de 2011. O estudo sobre escola, juventude e mundo do trabalho, identificou caminhos incertos dos estudantes pesquisados em relação à formação profissional, somado à baixa oferta de emprego, na cidade de Nazaré. Apesar dos estudantes terem apontado que os conteúdos trabalhados na sala contribuem para a inserção profissional, não se discute a condição dos jovens negros no mundo do trabalho. O estudo revela que a categoria trabalho tem significado importante para a maioria dos estudantes e que o estudo é um caminho para conseguir uma mobilidade profissional ascendente. As contribuições identificadas a partir das falas dos sujeitos da pesquisa poderão subsidiar políticas públicas de trabalho e renda voltadas para este segmento social.

Palavras-chave: juventude, Recôncavo Baiano, mundo do trabalho, educação.

INTRODUÇÃO

Na conjuntura atual, a discussão sobre juventude, educação e trabalho tem apontado à necessidade de reflexões acerca das políticas públicas voltadas para inclusão dos jovens e suas condições socioeconômicas. No contexto da globalização, onde as disparidades socioeconômicas e a competitividade marcam nossa sociedade, os jovens sentem sérias dificuldades de ingressar no mundo do trabalho. Estas dificuldades estão relacionadas a várias questões, a exemplo da pouca qualificação profissional, discriminação pela etnia, localidade, competitividade do mercado de trabalho, avanço das tecnologias e a baixa qualidade de ensino nas escolas públicas.

Ao tratarmos de juventude, entende-se que é uma temática complexa e que vem ganhando destaque no cenário nacional. Nos últimos anos, o aumento de programas sociais de inclusão e políticas públicas voltadas para este segmento populacional reflete o interesse do Estado em buscar mecanismos institucionais para melhorar as condições de vida dos jovens, sobretudo, os oriundos da periferia.

É neste sentido que o presente artigo tem como proposta evidenciar as perspectivas de ingresso no mundo do trabalho da juventude negra, num município pequeno, a exemplo de Nazaré. O interesse pela temática deve-se, entre outros motivos, aos elevados índices de desigualdade, decorrentes da situação de risco social vivenciada pelos jovens. Concomitante, a baixa capacidade do município de Nazaré em gerar emprego e renda poderá contribuir para o aumento da probabilidade de inserção de parte deste grupo social, no comércio subterrâneo. As conflitualidades, a falta de perspectiva, a evasão escolar e o desestímulo de estudantes ao concluir o ensino médio induzem a necessidade de uma reflexão acerca do currículo escolar, das subjetividades, das aptidões e ingresso no mundo do trabalho.

Com isso, o artigo procura compreender como a juventude afrodescendente, oriundas de áreas periféricas, se insere no mundo do trabalho, nas cidades pequenas do Recôncavo Baiano. Para isso, foi necessário entender quais as perspectivas da população jovem oriundas da periferia, frente ao mundo do trabalho após a conclusão do ensino médio. Para organização das idéias, o artigo está dividido em três momentos. No primeiro, busca-se entender em que ambiente os jovens estão inseridos, contextualizando a cidade, procurando observar o perfil dos estudantes pesquisados e como a temática juventude é definida pelos órgãos de pesquisa. No segundo momento, procura-se compreender qual o papel da escola no processo de formação profissional e a relação das competências adquiridas dos educandos com o mundo do trabalho. Por fim, perceber quais as perspectivas dos jovens em relação ao mundo do trabalho na cidade de Nazaré-BA.

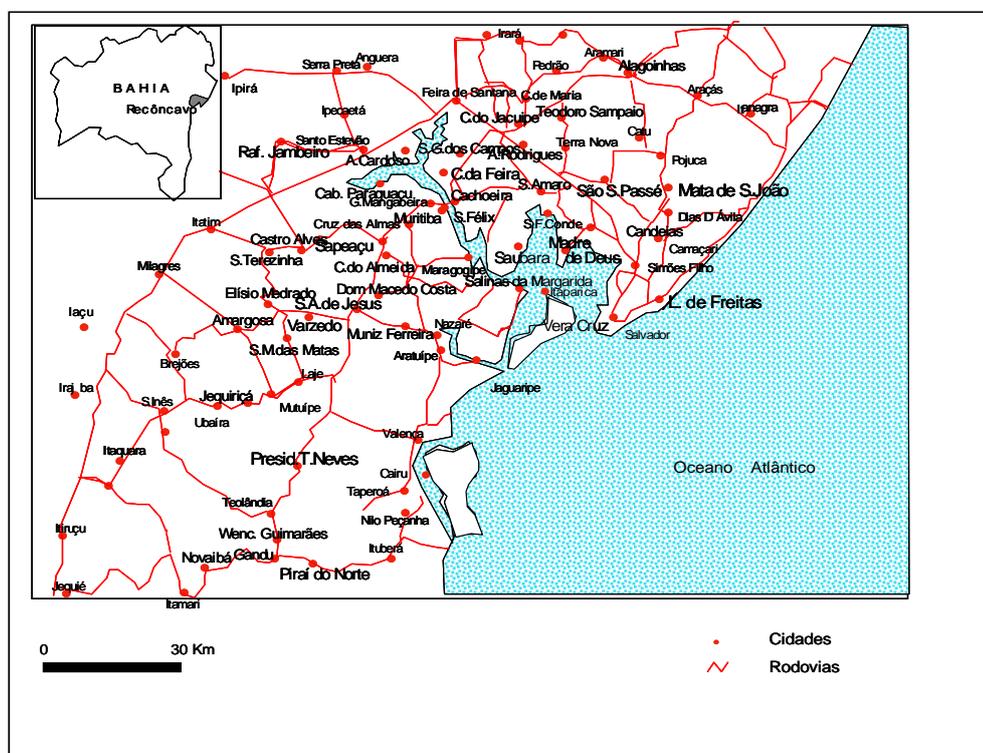
O RECÔNCAVO BAIANO E NAZARÉ: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS

O entendimento referente à região do Recôncavo Baiano é indefinido, constituído de complexidades que envolvem elementos históricos, socioculturais, políticos-administrativo e ambiental que dificulta sua definição. Para Santos (2003), existem algumas formas de se entender o Recôncavo. Ao serem destacadas pelo menos duas concepções, verificaremos que região pode ser compreendida, por um lado, no entendimento dos órgãos de planejamento que utilizam os aspectos físicos e socioeconômicos como critérios do resultado de um processo histórico e cultural. Por outro lado, baseia-se no papel da rede urbana que interliga diferentes centros urbanos, a exemplo de Jaguaripe, Nazaré, Salvador e Feira de Santana.

Os processos históricos, como a formação territorial, as redes de transportes que dinamizaram os fluxos de materiais, possibilitando uma economia regional mais articulada, bem como as continuidades contemporâneas, a exemplo da expansão da malha rodoviária, dos

descolamentos populacionais, das etnicidades, das identidades, da culinária, da musicalidade e dos mangues, cachoeiras, matas, rios, clima, particularizam esta região. Neste estudo, entendemos o Recôncavo, a partir de uma rede urbana (figura 1) que se formou ao longo do processo de ocupação territorial da região.

Figura 1: A rede urbana do Recôncavo Baiano



Fonte: Elaborado por Miguel Santos, com base no IBGE, 2010, adaptado pelos autores.

O processo de ocupação territorial no Recôncavo foi iniciado no litoral da Bahia. A implantação da produção do açúcar, e, posteriormente se estendendo para o interior do estado com a atividade agropecuária e a descoberta do ouro, expressaram a primeira manifestação de integração capitalista entre Europa e Brasil.

Até o início do século XX, o Recôncavo Baiano representou uma região especializada no fornecimento de produtos tropicais para a Europa, produzindo tabaco, açúcar, algodão, especiarias e frutas, onde a produção era escoada por meio de uma rede de transporte que ligava algumas cidades como Nazaré, Santo Amaro, Cachoeira e Maragogipe até o porto, em Salvador. Os transportes férreos e marítimos contribuíram para a dinamização dos fluxos de materiais e pessoas, através de uma rede, ligando alguns municípios. Os saveiros foram o principal meio de transporte marítimo para o escoamento da produção, vindo do interior do Recôncavo até ser exportado para países da Europa.

Nas ultimas décadas, o advento tecnológico, oriundo da globalização influenciaram diretamente na dinâmica da região do Recôncavo, principalmente a partir da década de 1950, como a implantação de indústrias, sistema de transporte rodoviário, declínio das ferrovias e as transformações do meio rural, contribuíram para as mobilidades de caráter econômico e político dos municípios, Santos (2003). Até a década de 1960, Nazaré tinha um papel fundamental no direcionamento da produção agrária, funcionou como entreposto comercial e de escoamento de toda a produção do interior do Estado da Bahia. A proximidade do Porto de São Roque do Paraguaçu, em Maragogipe, e o contato com a Baía de Todos os Santos, contribuíram para inserir Nazaré na primeira geração de cidades do Recôncavo.

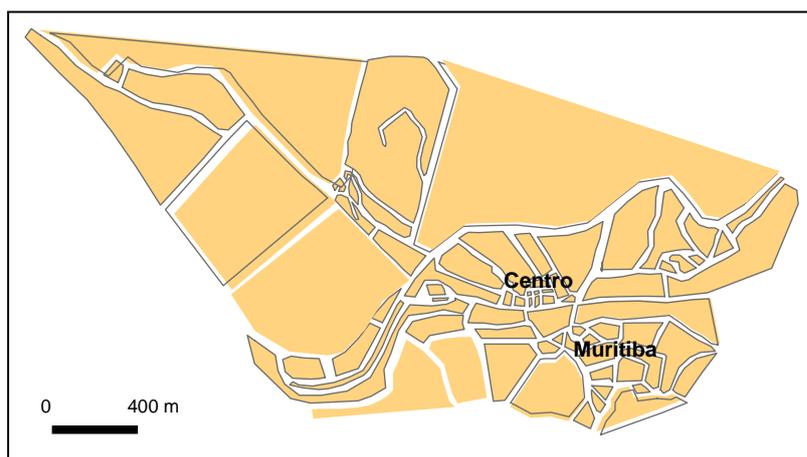
No período que este território se configurou numa *hinterlând*¹, Nazaré caracterizou-se pela estrutura economicamente agrícola. Ao longo das ultimas décadas, a cidade perdeu força política e econômica, devido às mudanças dos meios de comunicação e à ascensão de outras cidades próximas, como Santo Antônio de Jesus, Maragogipe, Cruz das Almas, Governador Mangabeira e Amélia Rodrigues. Atualmente, os resultados dessas transformações espaciais implicam, diretamente, nas condições de inserção dos jovens no mundo do trabalho, após o ensino médio.

Ao criar antagonismos entre abundancia e escassez, os resultados dos processos de natureza global estão cada vez mais sob o controle de um pequeno grupo social que detém os meios de alcance, enquanto que uma parcela significativa da sociedade convive com baixa escolaridade, sem acesso à água tratada, à postos de saúde, à rede de esgoto e sem perspectiva de emprego. Daí a importância da discussão de novos caminhos para o desenvolvimento local que inclua oportunidades de emprego e renda, educação e saúde de qualidade, sobretudo para a juventude.

Os jovens pesquisados no município de Nazaré afirmam a vontade de permanecer no município após a conclusão do ensino médio. Destacaram a necessidade de ampliação das possibilidades de ingresso no mundo do trabalho e de viver bem, num município pequeno. Nesta linha de raciocínio, Sen (2010) afirma que as variáveis utilizadas para definir qualidade de vida ainda são insuficientes. Mesmo considerando a existência de pontos contraditórios na teoria sobre o desenvolvimento, faz-se necessário que os municípios possuam estratégias que removam as principais fontes de privação de liberdade, a exemplo da pobreza, carência de oportunidades econômicas e destituição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos.

¹ Para Milton Santos (2008), a *hinterland* significa uma zona de influencia de caráter econômico, político e cultural da cidade do Salvador em relação a outras cidades como Nazaré, Jaguaripe, Cachoeira e Santo Amaro.

Figura 2: Cidade de Nazaré/BA



Fonte: Miguel Santos, com base no IBGE, 2010.

O município de Nazaré, calcados apenas nas atividades comerciais e de serviços principalmente público, como eixo de crescimento principal, vem convivendo com problemas sociais, sobretudo, relacionado a juventude que reside na periferia. A cidade tem duas escolas públicas de ensino médio, localizadas no bairro de Muritiba, centro da cidade, local onde a pesquisa foi realizada, (figura 3), que abarcam estudantes afrodescendentes oriundos de áreas periféricas.

Antes de tudo, seria bom rever o conceito de periferia por ser complexo e envolver inúmeras variáveis. Para Levy et al, “la périphérie se définit comme la négatif du centre, marquée en particulier par une absence d’autonomie em matière décisionnelle” (2003, p.142). Na visão do autor, a periferia é definida como a negativa do centro, marcada pela ausência de autonomia nas decisões políticas, econômicas e culturais. Este conceito vem sofrendo modificações, nem sempre constitui uma distância física. Concebe-se a periferia enquanto um lugar com carência de infraestrutura, serviços urbanos, serviços de saúde, empregos e que abriga a população de baixa renda, oriunda da zona urbana e rural.

No tocante aos sujeitos da investigação, observou-se que a maioria reside em áreas periféricas, os pais não têm o nível médio completo e ocupam as funções de pequenos comerciantes, pedreiro, empregada doméstica, vendedores, biscateiro, pescadores, marisqueiras, entre outras. O contexto social vivenciado por grande parte da juventude de Nazaré imprime marcas e contribui para ampliar a reflexão sobre a importância da categoria trabalho em suas vidas.

JUVENTUDE E TRABALHO: AS OPORTUNIDADES DE EMPREGO E RENDA

A discussão sobre esta temática induz a necessidade de repensar os conceitos. A abordagem sobre a condição juvenil, na maioria das vezes, é entendida por dois caminhos distintos. De um lado, o destaque biopsicológico que retrata a transitoriedade e instabilidades, emergindo as incertezas e perspectivas presentes na transição da fase da adolescência para a adulta. A representação dos jovens através de números ajudam os Governos a entender quantos jovens são e como estão distribuídos no território. Esses dados norteiam, em partes, quanto e como os Governos aplicam os recursos financeiros para a promoção de programas de inclusão e outras políticas públicas.

De outro lado, o enfoque teórico-sociocultural, entendendo a juventude como uma fase de profundas mudanças no modo de agir, pensar e conviver. Com isso, Iriart (2010) questiona o período de início e de finalização da faixa etária jovem. Para a autora, “[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios sujeitos tidos como jovens, para dar significado a uma série de comportamentos e atitudes a eles atribuídos” (p. 480). Para a autora, as definições construídas por órgãos de pesquisa precisam considerar as percepções dos jovens sobre eles mesmos, seus valores e perspectivas futuras.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) consideram a população jovem entre 15 a 29 anos. No entanto, a ONU e o IBGE reduzem essa faixa etária para 15 a 24 anos. Nesse sentido, segundo Junqueira (2006):

Ao se falar de jovens, alvo por excelência das políticas educacionais, é preciso antes reter que a juventude, longe de qualquer abordagem essencialista, constitui-se enquanto construção social, com enormes variações socioculturais, e não pode ser meramente vista ou tratada como um único grupo social, homogêneo e universal (p. 26).

De acordo ao autor, a juventude não é um grupo rigidamente definido, perpassa por uma complexidade que vai além de um pensamento simplista. A construção do conceito de juventude transcorre pela compreensão do eu e do nós, num contexto de movimentações e mudanças. Somente nas últimas décadas, a discussão sobre a população jovem brasileira começa a ganhar importância na mídia e em outros meios de comunicação, devido ao grande contingente populacional no país e o direcionamento de políticas públicas para promoção de

inclusão social, a exemplo de programas de formação profissional e cidadania, como o PROJOVEM, Primeiro Emprego, ENEM e Universidade para Todos.

A tabela 1 revela a distribuição da população jovem, nas diferentes escalas geográficas, na faixa etária de 15 a 29 anos. Segundo o IBGE (2011), a população brasileira de jovens alcança cerca de 51 milhões de pessoas, o equivalente a 26,84% da população total.

Tabela 1: População por grupos de idade - 2010.

Localidades	População				
	Grupos de idade				
	Total	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	Total de pop. jovem
Brasil	190 755 799	16 990 870	17 245 190	17 104 413	51 340 473
Nordeste	53 081 950	5 137 131	5 049 883	4 779 095	14 966 106
Bahia	14 016 906	1 327 281	1 304 362	1 308 861	3 940 504
Nazaré	27 274	2 612	2 561	2 596	7 769

Fonte: Elaborado pelos autores, com base no IBGE, 2011.

No caso específico do município de Nazaré, a população neste grupo de idade atinge 28,48%. O olhar mais aprofundado, por parte dos organismos internacionais, só foi efetivado a partir de 1990, no âmbito da Organização das Nações Unidas e da Organização Ibero-Americana da Juventude. Mesmo considerando que esta temática encontra-se inserida na Declaração de Direitos Humanos e no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, no Brasil, as ações ainda são tímidas, o que tem levado a invisibilidade dos jovens, sobretudo nos pequenos municípios.

Somente no início do século XXI, o Estado vem intensificando medidas para compreender e intervir nas condições socioeconômicas da população jovem brasileira. A implementação da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), em 2004, e o Conselho Nacional da Juventude, em 2005, vinculado à Secretaria-Geral da Presidência da República, ambos através da Lei 11. 129, com intenções de articular políticas públicas para juventude, discutir e propor caminhos para que muitos jovens saiam da condição de exclusão, evidenciam mecanismos que norteiam para a criação e aperfeiçoamento de programas de inclusão.

Para Amélia Cohn (2004), atualmente, o modo como o crescimento econômico do país vem acontecendo, dificulta a geração de trabalho em grande escala para essa população, em transição para a fase adulta. Isso significa pelo menos uma problemática, um contingente de jovens que buscarão oportunidades de inserção profissional para obter fontes de renda. “[...] o desafio que se coloca é como construir e implementar políticas de Estado que detectam as

novas formas possíveis de inserção social dos indivíduos que não se deem pela via do trabalho tal como classicamente concebido” (p. 170).

Os últimos dados do Censo Demográfico do IBGE de 2011, referentes aos índices de analfabetismo em Nazaré (tabela 2), indica uma das dificuldades encontradas pelos jovens para se profissionalizarem, levando-os a ocuparem postos de trabalhos insipientes, com baixa remuneração e sem garantias trabalhistas. De acordo a tabela 2, quase quatro mil pessoas, de 15 anos ou mais, não sabem ler e escrever. Deste total, 258 sujeitos estão na faixa etária de 15 a 24 anos, onde 32,2% são negros, 54,6 são pardos e 13,2% são brancos.

Tabela 2: Distribuição de pessoas que não sabem ler e escrever por faixa etária e cor e sexo.

Pessoas que não sabem ler e escrever, idade e cor ou raça.		
	Valores absolutos	Valores relativos (%)
15 anos ou mais de idade	3.789	-
Idade de 15 a 24 anos	258	6,8
Negros	83	32,2
Pardos	141	54,6
Branco	34	13,2
Amarelos	-	-
Indígenas	-	-
Total	258	100

Fonte: Elaborado pelos autores, com base no Censo Demográfico do IBGE de 2010, 2012

No período de uma década, entre os anos de 2000 a 2010, a taxa de analfabetismo da população nazarena de 15 a 24 anos de idade passou de 11,3% para 5,0%, tendo uma redução considerável de jovens analfabetos desta faixa etária.

Ao tratarmos sobre as desigualdades no mercado de trabalho e a questão das diferenças de rendimento entre as pessoas de cor ou raça, torna-se evidente. A tabela 3, manifesta as disparidade de rendimento de um quarto do salário mínimo até 1 salário mínimo, entre pessoas de diferentes etnicidades, na cidade de Nazaré. A diferença entre o valor médio de rendimento entre pretos e brancos chega a quase 50%. Enquanto a população de cor ou raça preta ganha em média um rendimento de R\$ 491,00 reais, a população de cor ou raça branca ganha R\$ 884,00 reais. A situação se torna mais preocupante ao ser verificado que quase um terço da população de Nazaré vive sem renda. Deste percentual, 86,96% abarcam populações de origem afrodescendente (pretos e pardos) e 13,04% estão distribuídos entre as pessoas de cor ou raça branca, indígena e amarela.

Tabela 3: População residente, por cor ou raça e classe de rendimento nominal mensal e o valor médio.

Cor ou raça	Total da pop.	População sem renda e com rendimento que variam de ¼ do salário mínimo a 1 salário mínimo.			
		Sem renda	Até ¼	De ¼ a 1 s.m.	Valor médio
Preto	6.155	2.097	607	508	R\$ 491,00
Pardo	16.917	5.763	1.410	1.141	R\$ 581,00
Branco	3.938	1.097	234	1.171	R\$ 884,00
Indígena	38	14	-	3	R\$ 641,00
Amarelo	226	68	14	13	R\$ 644,00
TOTAL	27.247	9.039	2.265	2.836	R\$ 648,20

Obs.: s.m. (salário mínimo).

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010, 2012

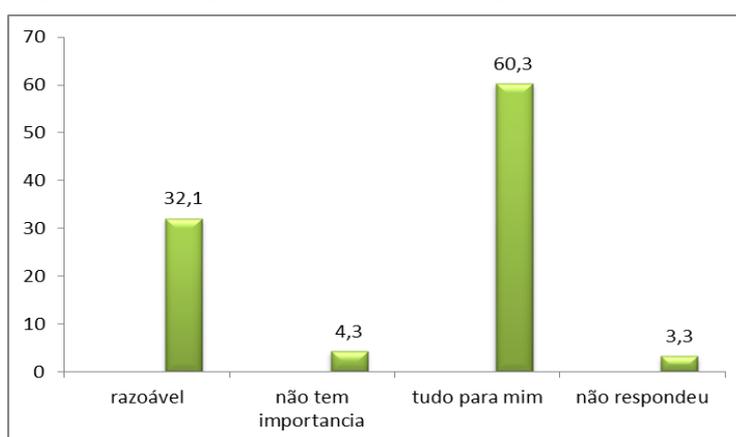
A tabela 3 também aponta que a maioria das pessoas que ganham até um quarto do salário mínimo, se concentra na população afrodescendente, com 89,0%. Entre aqueles com rendimento que variam de um quarto do salário mínimo a um salário mínimo houve uma diminuição entre pretos, pardos e amarelos e aumento de rendimento entre os brancos. No mercado de trabalho, atualmente, existe uma tendência no aumento da diferenciação de rendimento entre brancos e não-brancos. À medida que a renda vai aumentando, percebe-se uma diminuição da população preta, parda e indígena e o aumento da população branca.

Ao relacionarmos as disparidades de rendimento entre pretos e brancos e a discriminação, tanto racial quanto de localidades, 44,0% dos jovens disseram que já sofreram discriminação, 45,5% informaram que não foram alvo desta prática e 10,5% não responderam. Nesse sentido, a discriminação racial interfere nos espaços do mercado do trabalho e sobrepõe as variáveis sexo e idade. A discriminação e o racismo se manifestam sob diversas formas e de modo camuflado. Apesar dos 45,5% dos estudantes que disseram não terem sido vítimas da discriminação, muitos jovens ao procurarem emprego são discriminados pelas suas origens étnicas e por localidades. Sendo assim, os afrodescendentes oriundos da periferia são os mais prejudicados pela discriminação ao buscarem o acesso a renda.

A maioria dos jovens estudantes da periferia pesquisados tem conflitos, incertezas e urgências. Enquanto os dilemas não são resolvidos, algumas emergências juvenis tendem a continuar. Tal realidade pode ter diferentes explicações e contextos, uma vez que muitos deixam de frequentar a escola para trabalhar, ou “arranjar um bico” para complementar a renda familiar, ou torná-la a única renda, ou não fazer nada. Para Andrade (2010), é por meio do trabalho que muitos jovens integrantes de camadas populares garantem a sobrevivência pessoal e da família.

Essa situação reflete diretamente no amadurecimento precoce. O trabalho o faz sentir uma pessoa que tem importância no meio de convívio e lhe atribui determinadas representatividades sociais. Além disso, a dignidade está também relacionada ao trabalho, uma vez que todos os seres humanos precisam suprir suas necessidades básicas, como alimentação, saúde, educação, vestimentas, lazer, entre outros. Ao serem perguntados sobre o que seria o trabalho para a vida deles, a maioria respondeu “ser tudo”, de modo a refletir a urgência de repensar sobre a inserção no mercado de trabalho, (figura 4).

Figura 4 - A importância do trabalho para a vida, em %.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados coletados na pesquisa de campo, 2010

Para a juventude oriunda de contextos populares, o trabalho representa o acesso a determinados ambientes, o aumento da autoestima e a garantia dos meios de sobrevivência individual e, muitas vezes, da família. Este constitui uma experiência na vida essencial, uma vez que o jovem almeja a condição de adulto, pois esta fase da vida está diretamente relacionada a questões como independência financeira, maturidade e liberdade.

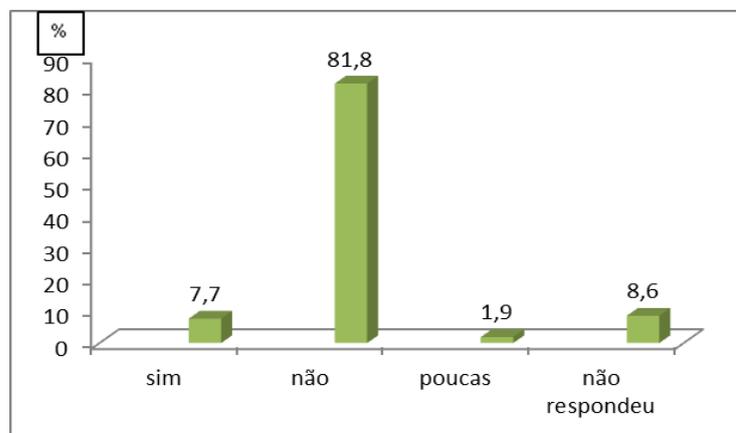
Os jovens pesquisados afirmaram que a categoria trabalho é importante para a sua vida, mas revelou, também, que os jovens têm pouca informação sobre o que fazer após a conclusão do ensino médio. Do total, 74,2% dos sujeitos da pesquisa não tiveram nenhuma orientação sobre o que fazer ao concluir o ensino médio, enquanto 23,4% informaram ter tido alguma orientação sobre o futuro profissional e 2,4% não responderam. Apesar da representatividade positiva do trabalho em suas vidas, alguns jovens concluem o ensino médio e outros abandonam para ocupar empregos que não exigem qualificação profissional e oferecem baixa remuneração.

CAMINHOS E EXPECTATIVAS DA JUVENTUDE, NA PERIFERIA DE NAZARÉ

Foi observada uma imobilidade de alguns estudantes e incertezas em relação à formação educacional. Ao concluir o ensino médio, a maioria não sabe o que fazer. As perspectivas profissionais estão intrinsecamente relacionadas à dinâmica do ambiente de convívio dos jovens. No caso de Nazaré/BA, os estudantes entrevistados percebem que a cidade não oferece oferta de trabalho suficiente para a demanda de mão-de-obra jovem.

A compreensão sobre a realidade socioeconômica local induz a pensar sobre os limites e possibilidades da cidade em oportunizar a juventude nazarena. Esse público consegue perceber as forças historicamente políticas e geográficas que dificultam a dinamicidade na geração de possibilidades de emprego e renda.

Figura 5: após concluir o ensino médio, qual sua expectativa em relação ao mercado de trabalho?



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados coletados na pesquisa de campo, 2010

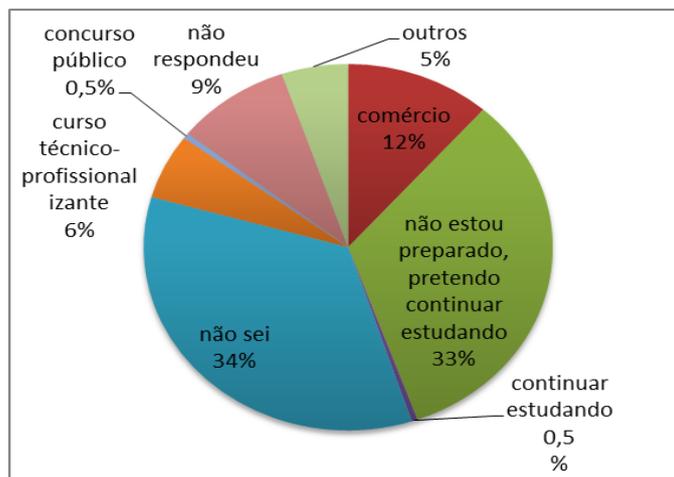
Na figura 5, somente 5,5% dos entrevistados disseram que tem expectativa de inserção profissional após o ensino médio. A maioria, representando 81,8% afirmaram que não tem expectativa, seguido de 1,9% com pouca expectativa e 8,6% não responderam.

A pouca expectativa em relação ao ingresso no mercado de trabalho reflete nas escolhas individuais e favorece, muitas vezes, a caminhos incertos. Ao perguntar sobre as possibilidades de emprego e renda no município após a conclusão no ensino médio, um jovem respondeu o seguinte: “Não. A cidade não tem ‘capacidade’ de empregar todos os jovens, pela falta de investimentos na formação de novos empregos.” Nesse sentido, muitos jovens declararam que gostariam de trabalhar como manicure, pedreiro, servente, empregada doméstica e garí.

Apesar do trabalho também ser uma das formas de garantir alguns direitos humanos e dignidade do sujeito, através da renda que oferece o acesso ao consumo de bens materiais, alimentação e lazer, alguns trabalhos não chegam a suprir as necessidades básicas e nem possibilita o desenvolvimento das habilidades dos jovens. Muitos estudantes gostariam de exercer uma profissão com melhores remunerações a exemplo de engenheiros, médicos, concursos públicos e até mesmo, continuar estudando para conseguir um bom emprego. No entanto, a realidade socioeconômica da cidade de Nazaré inviabiliza a realização dos sonhos, implicando negativamente nas expectativas de inserção profissional.

A percepção que os jovens têm em relação a pouca oferta de emprego, segundo os depoimentos, na cidade de Nazaré impossibilita perspectivas profissionais a médio e longo prazo. Com isso, as pequenas e médias cidades do Recôncavo Baiano precisam criar possibilidades de inserção, notadamente dos jovens, sobretudo quando se refere à educação profissional e às possibilidades de ingresso no mundo do trabalho.

Figura 6: Ao concluir o ensino médio, pretende trabalhar em que?



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados coletados na pesquisa de campo, 2010

A figura 5 indica que 34% dos jovens ainda não sabem onde trabalhar, 33% revelaram que não estão preparados e anseiam continuar estudando, 6% pretendem se ocupar por meio de curso técnico-profissionalizante, 1% abarcam estudantes que optaram por concurso público e continuar estudando, 9% não responderam e 5% outros. Os estudos iniciais têm apontado que existem lacunas e um distanciamento entre as potencialidades individuais, o que cada um gostaria de aprender na escola, com as necessidades da região e do mercado. Este constitui

uma problemática crucial a ser enfrentada pelos setores estratégicos de desenvolvimento territorial.

CONSIDERAÇÕES

O estudo procurou entender como a juventude do ensino médio dos Colégios Estaduais Dr. José Marcelino de Souza e Luiz Viana Filho, no município de Nazaré-BA, percebe as possibilidades de emprego e suas perspectivas de ingresso no mundo do trabalho. O estudo buscou contribuir no entendimento acerca da realidade local, a partir dos olhares dos jovens estudantes referentes às suas emergências profissionais, como também, a dinâmica territorial da cidade ao longo das últimas décadas que pode explicar, de alguma forma, como Nazaré se apresenta nos dias de hoje.

A falta de determinados conhecimentos que dificultam a formação profissional, agregado a outros fatores como a baixa oferta de emprego, são refletidas nas indecisões sobre o futuro profissional. Para os estudantes, o estudo do ensino médio não significa somente uma etapa da vida juvenil, mas, irá ajudar a conseguir um bom emprego. Quando perguntados sobre o estudo para sua vida, 34,9% dos jovens responderam que é prazeroso, 60,3 apresentaram que irá ajudar a conseguir um bom emprego, 0,5% não gostam de estudar e 2,9% não responderam.

Nesse sentido, uma parcela apontou não saber onde trabalhar após concluir o ensino médio. A outra comentou que não está preparada, pretendendo continuar estudando. Ao analisar as teorias que explicam as origens do desemprego e ao confrontá-las com a realidade investigada, a pesquisa tem identificado que as ofertas provenientes do ensino médio não são suficientes para uma formação educacional integrada, com vistas ao ingresso no mundo do trabalho. Isso indica alguns caminhos que poderão ser adotados no sentido de dinamizar as aprendizagens, sobretudo para os jovens e adultos.

Por fim, a escola enquanto espaço que constrói caminhos para o alcance da realização pessoal e profissional necessita abrir novas possibilidades e oferecer um ensino de qualidade onde todos possam ter oportunidades. É primordial a construção de conhecimentos e outros saberes que despertem a prática do pensar, de modo à reflexão sobre suas potencialidades. Mas para fortalecer essa idéia, a Escola, a Família e a Sociedade devem se integrar num único objetivo que é possibilitar e garantir direitos morais e civis aos jovens estudantes afrodescendentes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carla Coelho de. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: **Desafios do desenvolvimento**, Brasília, ano 7, n. 60, abril/maio 2010, p. 26.

COHN, Amélia. O modelo de proteção social no Brasil: qual o espaço da juventude? In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). et al. **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
COBN, Amélia. O modelo de proteção social no Brasil. p. 160-179

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

IRIART, Mirela Figueiredo Santos. Juventude e escolarização nos limiares entre o rural e o urbano. In: **Bahia Análise e dados**. v.20. nº4. Sei, 2010. p. 479-495

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Expectativa sobre a inserção de jovens negros e negras no mercado de trabalho: reflexões preliminares In: **Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

LEVY, Jacques e Michel Lussault. **Dictionnaire de la Géographie** et de l'espace des Sociétés. BELIN: Paris, 2003.

SANTOS, Miguel Cerqueira dos; SANTOS, Maria Gonçalves Conceição. A problemática Ambiental em Áreas de Manguezais no Recôncavo Baiano. **Território, Ambiente e Trajectórias de Desenvolvimento**, Coimbra, 22 de maio de 2003, v. 1, p. 66-77, 2003. ISBN 972-95664-5-3.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Ed. SCHWARCZ LTDA, 2010, p. 16-26